



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

“Tremulando Na Ponta Do Nosso Presente”: Uma Análise Da Trajetória Do Padre Ivan Teófilo No Contexto Da Ditadura Civil-Militar Brasileira

Alana de Moraes Leite^I
Karlla Karina Pereira Félix^{II}

Resumo: Objetivamos construir uma análise acerca da atuação do Padre Ivan Teófilo no campo político e a confluência dessa ação imersa nos fundamentos teológicos. Para tanto, utilizamos dos procedimentos metodológicos da história oral, da documentação do Serviço Nacional de Informações (SNI) e do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA). Acreditamos que historicizar a trajetória desse pároco, a partir do campo disciplinar da História do Tempo Presente, seja um importante mecanismo para “*tremular nas problemáticas do nosso tempo*”.

Palavras-chave: Igreja Católica; Pernambuco; Ditadura civil-militar brasileira.

“Fluttering At The Tip Of Our Present”: An Analysis Of The Trajectory Of Father Ivan Teófilo In The Context Of The Brazilian Civil-Military Dictatorship

Abstract: We aim to build an analysis of the role of Father Ivan Teófilo in the political field and the confluence of this action on the theological foundations. Therefore, we used the methodological procedures of oral history, documentation from the National Information Service (SNI) and the Aeronautics Security Information Center (CISA). We believe that historicizing the trajectory of this parish priest, based on the disciplinary field of the History of the Present Time, is an important mechanism for “*shaking up in the problems of our time*”.

Keywords: Catholic Church; Pernambuco; Brazilian civil-military dictatorship.

A trajetória do Padre Ivan Teófilo e a História do Tempo Presente

José Ivan Pimenta Teófilo nasceu no dia 05 de janeiro de 1940, na cidade de Pedra Branca, sertão do Ceará. Os retalhos das lembranças dos “próximos”, que construíram os relatos sobre Teófilo, circundam uma narrativa sobre um menino que possuía uma “*sensibilidade frente ao mundo do sofrimento, com forte aspiração de mudança de tudo aquilo que na sociedade e nas comunidades desgastam a justiça e a paz*” e com um “*grande amor à Igreja*”^{III}.

A construção desse sentimento de amor à Igreja tange uma ligação de proximidade com o sagrado, que desaguou em um encontro de Teófilo com uma congregação religiosa aos 11 anos de idade: os “salesianos de Dom Bosco”, ainda como aluno do Colégio Salesiano em Fortaleza. Posteriormente, quando transferido para Recife, no estado de Pernambuco, projetou-se enquanto pároco lembrado pela humildade e pelo caráter revolucionário frente a um cenário de forte conservadorismo, autoritarismo e violência política. Essa imagem de “humildade” e “revolução”, presentes na memória sobre Ivan Teófilo, pode ser observada em

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

um desses “retalhos das lembranças dos seus próximos”, o Prof. Luiz Moura^{IV}, que vê Teófilo como:

[...] um padre revolucionário. Revolucionário no sentido de que é aquele que vai na frente. Quem vai na frente leva pancada. Quem abre caminho, sofre. É um profeta. Então, assim, eu considero Ivan revolucionário, nesse sentido de abrir caminhos, e também de ser um tipo de profeta. No próprio sentido bíblico da palavra, o profeta é aquele que vê a realidade, enxerga a realidade e interpreta à luz da fé. Ele age na sociedade conforme ele acha que é o plano de Deus agir daquela forma. Então, assim, se ele acha que a realidade precisa sofrer transformação, social ou mesmo que seja radical, então, é uma forma de fazer profetismo. O profeta é aquele que descobre qual a vontade de Deus para aquela realidade. Então, eu enxergo Ivan dessas duas formas: como revolucionário e como profeta.^V

A definição de Moura acerca de Ivan Teófilo revela, em primeira instância, que compartilhavam uma determinada visão de mundo. Nesse sentido, faz-se necessário construir uma contextualização sistemática e um rastreamento ideológico presente na fala do Prof. Luiz Moura. Classificar um sujeito histórico, citado nos documentos do Serviço Nacional de Informações (SNI), com a alcunha de “revolucionário”, no contexto da Ditadura civil-militar brasileira, demarca uma posição ideológica contrária em relação ao regime político instituído. Tal entendimento pode ser melhor verificado na fala de Moura acerca do contexto caracterizado, por ele, como:

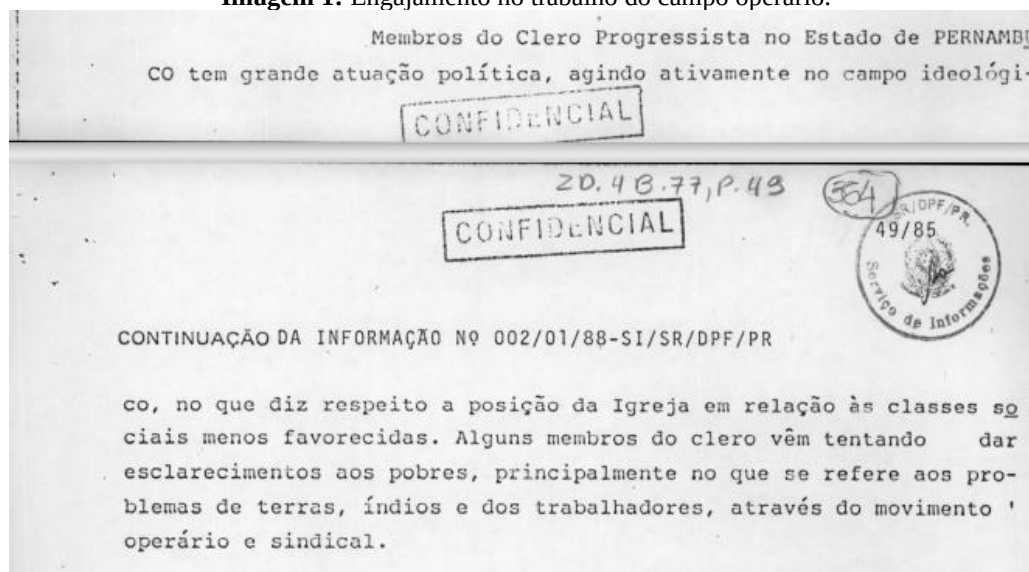
[...] o momento mais forte que eu conheci de Ivan foi quando ele trabalhou no Salesiano como encarregado da Pastoral.
E aí, se junta aquilo que eu estava dizendo, revolucionário e profeta, trabalhando numa estrutura ultraconservadora. Até porque o diretor do Colégio Salesiano era uma figura realmente ultraconservadora e não aceitava, de maneira nenhuma, o tipo de trabalho que Ivan exercia na Pastoral, dentro do Colégio Salesiano. Não suportava.
[...] Então, veja, Ivan como encarregado da Pastoral, numa estrutura de colégio ultraconservador, era aquilo que nós podemos chamar de uma figura de “desmancha prazer”, que é aquilo que, vamos dizer, o profeta exerce e também o revolucionário.^{VI}

A imagem de Ivan Teófilo narrada pelo Prof. Luiz Moura está também presente na documentação do Serviço Nacional de Informações, que ao listar nomes de “destaque”, dentre eles o “*Pe. José Ivan Pimenta Teófilo, atua na Paróquia de São Vicente Ferrer, Diocese de Nazaré*”, pela oposição ao regime, declara:

“TREMULANDO NA PONTA DO NOSSO PRESENTE”: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO PADRE IVAN TEÓFILO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Imagem 1: Engajamento no trabalho do campo operário.



Fonte: Fundo SNI. Arquivo Nacional.

O Pe. Ivan Teófilo desenvolveu uma atuação em defesa dos valores da dignidade humana, durante um evento histórico no qual esses valores estavam em constante ameaça. Compreendemos que o religioso usou do seu ofício para lutar contra o autoritarismo de um regime político. Nesse sentido, o padre representou o que Hans-Ulrich Gumbrecht denominou como sendo o papel de todo humanista: “a obrigação de praticar pensamentos de risco”^{VII} em seu tempo histórico.

Ter uma atuação política baseada em pensamentos de risco à sua contemporaneidade significa desenvolver ações que consigam reunir “crédito suficiente para mais alguns anos, antes que cheguem os mais catastróficos resultados dessa situação”^{VIII}. O pensamento e atuação do pároco significou essa insistente busca pela preservação das liberdades e defesa dos valores democráticos, aliando pensamento político e atuação religiosa,

[...] Pe. Ivan entendia que a evangelização, a pastoral, não cabe somente dentro do âmbito da espiritualidade, como se fosse algo distante da realidade. Padre Ivan entendia a espiritualidade, entendia a pastoral, enraizada, alicerçada no chão da vida do povo. Nesse sentido, a leitura que ele fazia, à luz do evangelho, dos acontecimentos aqui do Nordeste era precisamente com o olhar bíblico da libertação, “eu vim para libertar o meu povo”. Então, a pastoral que Ivan compreendia, entendia e vivia era uma pastoral de linha libertadora. Essa pastoral de linha libertadora se opõe diametralmente a essa pastoral de linha, vamos dizer assim, espiritualista, como essa promovida pelos movimentos carismáticos e afins.^{IX}

Isso consagrou ao padre Ivan Teófilo a imagem de padre profeta e revolucionário. Esse reconhecimento é resultante das suas ações cotidianas, na defesa dos mais pobres, da preservação ambiental e da luta em defesa da democracia.

Apesar da importância do nosso personagem, ainda não há estudos acadêmicos que narrem a sua vida situada no contexto histórico. É nesse sentido que o artigo caminha, com o objetivo de “retirar do esquecimento personagens que naufragaram com o tempo”, pois acreditamos que a memória é uma questão política, e que é a partir dela que daremos rostos às “vozes silenciadas de tremularem por algum tempo na ponta do presente”^X.

A necessidade da operacionalização da memória, não parte de “um simples ato de vontade” ou de um “um momento libertador da lembrança”, como debatido por Beatriz Sarlo,

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

parte de um advento, uma captura do presente. A utilização precisa ser relacionada como uma “*possibilidade de intervenção no mundo*”^{XI}. Por esta via, mobilizamos a memória construída sobre o Pe. Ivan Teófilo, referendado como “revolucionário” pelos seus pares, para assim demonstrar que mesmo no seio de instituições conservadoras, em um contexto conservador, há vozes que despontam com o objetivo de intervir e desnaturalizar o mundo ou, como assinalou Lucian Febvre em *Combates pela história, explicar o mundo ao mundo*.

Utilizamos como fonte para nossa análise o procedimento metodológico da história oral, a partir das entrevistas com o Pe. Salesiano José Pereira de Lima Filho, que em suas palavras “*conheceu Pe. Ivan pela voz do povo*”, e com o Prof. Luiz Gomes de Moura, contemporâneo de Ivan Teófilo, com o qual compartilhou experiências vivenciais. Além das entrevistas, utilizamos documentação dos Órgãos de Informação da Ditadura^{XII}, especificamente do Serviço Nacional de Informações (SNI) e do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA).

A mobilização dessas memórias para a compreensão dos estudos históricos foi viabilizada por uma mudança epistemológica no campo historiográfico. A barbárie que caracterizou o século XX impôs aos historiadores a necessidade de repensar suas ferramentas analíticas, bem como, seu material de análise, houve uma expansão no entendimento de fontes históricas.

As fontes históricas do tempo presente estão além das gavetas empoeiradas dos arquivos estruturalmente organizados, elas são também testemunhas, revistas, jornais, entrevistas, fotografias, a própria memória converte-se, para o historiador do tempo presente, em fonte. Não se trata com isso de elevar a história oral, o testemunho, a memória, ao corolário de única fonte possível. A História do Tempo Presente não tem a intenção de substituir uma teologia das fontes por outra. O que está aqui em questão, é o paradigma de exatidão e objetividade – a modelo das ciências naturais – dos historiadores, e mesmo do senso comum, do século XIX que já não era capaz de responder as questões do nosso tempo. Ao historiador, cabia compreender o fim da História enquadrada em uma zona de certezas e buscar espaços, em oposição a uma historiografia conservadora, onde se pudesse historiar os problemas que não se encaixavam nos velhos métodos, propondo, como sugeriu Josep Fontana, novos fundamentos teóricos e metodológicos.^{XIII}

Os elementos do passado agora são construídos a partir de uma presença desse passado nos espaços públicos, com uma guinada na possibilidade de intervenção no nosso presente. Isso faz com que a mobilização da memória seja construída a partir de “*um ponto de vista, e, por isso mesmo, é eminentemente política*”^{XIV}.

Em paralelo à preocupação de uma escrita comprometida com a possibilidade de intervenção no presente, a História do Tempo Presente também implicou uma reflexão acerca da própria noção de temporalidade, na qual a análise sobre o passado passou a colocar em “*perspectiva o presente e o futuro*”, demarcando o presente de uma sociedade a partir de sua *última catástrofe*^{XV}. Nesse sentido, a noção do presente passou a ser marcada pela ideia de “balizas móveis”, para usar a expressão do fundador do IHTP, François Bédarida.

Se na sociedade europeia essa última catástrofe estaria marcada pela Segunda Guerra Mundial e pelo horror dos campos de concentração, no Brasil, o evento chave que marca o nosso *evento traumático fundante*^{XVI}, é a Ditadura civil-militar brasileira.

A narrativa oficial, o reconhecimento do evento, a abertura dos arquivos e o pedido por justiça, demonstram que há uma ferida aberta no tocante a esse evento. Demarcar a Ditadura civil-militar como marco consolidador da História do Tempo Presente no Brasil não significa, no entanto, enrijecer os estudos. A História do

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Tempo Presente se legitimou sem deixar de sofrer críticas e olhares com reservas. Mesmo diante de toda a historiografia produzida, ainda é comum os historiadores que seguem essa linha teórica se depararem com perguntas acerca de suas fontes e marcos temporais, um legado histórico do positivismo.^{XVII}

Em oposição a este ideal de objetividade e neutralidade do historiador, corroboramos com a historiadora Maria Paula Araujo ao afirmar que narrar uma vida, fazer uso da memória enquanto fonte histórica, em um contexto de arbitrariedade política, é fazer da *“narrativa, ao mesmo tempo, um registro da experiência do trauma e da dor do sobrevivente, e também uma denúncia contundente da violência e da arbitrariedade”*^{XVIII}.

Nos tempos da Ditadura

As atuações dos sujeitos sociais estão inseridas de maneira dialógica no tempo-espço em que estão imersos. Neste sentido, os sujeitos modificam as realidades do mesmo modo em que essa realidade influi, em larga medida, em seus comportamentos. De modo que os indivíduos podem “aceitar os novos cenários” ou “resistir aos processos” que estão em curso.

Apesar disso, partimos do entendimento de que há zonas cinzentas para além do resistir e aceitar. Essa zona cinzenta pode ser composta pelo próprio silenciamento das instituições diante do momento político. É um silenciamento eminentemente político, mas que está situado, em alguns momentos, além da categorização binária entre resistir e apoiar. Quando nos deparamos com a Igreja Católica, ao debatermos os seus silêncios, movimentações e ruídos precisamos tratar a particularidade dessa instituição, visto que as suas ações

nunca se restringiram aos assuntos de ordem religiosa. Isto é, dificilmente haverá como entendê-la sem analisar sua atuação, dentro de uma lógica própria, no campo político. Não se pode, porém, negligenciar os motivos principalmente teológicos que fundamentaram a maneira como a instituição se posiciona politicamente, considerando que o seu objetivo no mundo é, acima de tudo, assegurar sua supremacia no campo transcendental.^{XIX}

Algumas perguntas, construídas por Aline Coutrot, nos auxiliam a entender em que medida esse entrelaçamento do campo político com o campo teológico interferem nas atitudes políticas dos cristãos e por quais vias as forças religiosas intervêm no domínio do político, a ponto de construir uma dimensão destes^{XX}. Ancorados nas perguntas de Coutrot, buscamos pensar nas movimentações de Ivan Teófilo durante o evento histórico aqui analisado.

O historiador Paulo César Gomes, ao formular um estudo acerca da compreensão das experiências da Igreja Católica, apontou que tais experiências não acontecem de forma homogênea. De igual modo, durante o Regime Militar, o posicionamento oficial da instituição não perdurou de forma una ao longo de todo o período, e que não houve uma *“adesão unânime de toda hierarquia católica”*^{XXI}.

A não homogeneidade nos posicionamentos da hierarquia católica estão relacionadas, em primeiro lugar, com as atuações favoráveis e contrárias ao apoio oficial da instituição religiosa – feita, principalmente, nos primeiros anos do Regime. Como exemplo do aceno da instituição ao momento político, com posição favorável ao Regime, podemos citar o documento elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *“a autoridade máxima da Igreja no Brasil”*^{XXII}, que *“oficializava o apoio da CNBB ao golpe. A declaração,*

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

publicada em maio, foi assinada por 26 dos bispos mais importantes de todas as partes do Brasil e foi uma tentativa de demonstrar que havia unidade dentro da Igreja^{XXIII}”.

Esse posicionamento não perdurou durante os vinte e um anos de Ditadura. Aos poucos, principalmente depois de 1970, o apoio institucional da Igreja Católica favorável à Ditadura foi se desvanecendo e cedeu espaço para, em algumas instâncias, um tipo de silenciamento. A título de exemplo, o Prof. Luiz Moura ao ser questionado sobre como era recebido o pensamento de Ivan Teófilo por membros da Igreja, declara que alguns religiosos preferiram lançar mão da palavra, para não ir de encontro com a atuação de importantes líderes católicos, como D. Helder Câmara, que desenvolveram um papel importante nas denúncias às arbitrariedades do Regime.

Veja, era assim, grande parte do clero era favorável ao pronunciamento e ao posicionamento de D. Helder Câmara. E havia também alguns poucos que andaram se afastando. Não que se posicionaram contra a postura do bispo, mas que se afastaram. [...]. Você não encontrava palavras do clero que estivesse em desacordo com o que o bispo pensava, você encontrava clérigos que não falavam nada.^{XXIV}

O silenciamento foi refletido na posição de algumas congregações que continuaram “caladas” diante das atuações ideológicas do Regime ao longo do evento. Nesse sentido, foi preciso que os religiosos que se posicionaram de forma contrária à Ditadura, adotassem “*diversas estratégias de atuação, que iam da denúncia da tortura no Brasil e no exterior até o uso da sua força simbólica na defesa dos presos políticos*”^{XXV}. O Pe. Ivan Teófilo foi um desses religiosos que ousou denunciar a arbitrariedade consentida pela Congregação em que estava inserido no período:

Na época forte da Ditadura militar, os bispos e religiosos aqui do Nordeste publicaram um documento que é muito conhecido, muito forte ainda hoje, esse documento tinha o nome de “eu ouvi os clamores do meu povo”, assinado pelos bispos e religiosos do Nordeste. E Padre Ivan tinha, vamos dizer assim, a maior tristeza porque o Provincial Salesiano que era o Padre Antônio José de Carvalho não assinou o documento. Imagine a tristeza de Ivan, né? O seu superior não assinar um documento como “eu ouvi os clamores do meu povo”^{XXVI}.

Direcionar o nosso olhar para a figura do padre Ivan Teófilo, nos remete diretamente a compreender um personagem que resistiu aos processos em curso da Ditadura civil-militar brasileira, às arbitrariedades do Regime, o apoio oficial da própria Igreja Católica à Ditadura durante os anos iniciais e os silenciamentos de alguns religiosos durante os anos seguintes. A resistência de Teófilo se estabeleceu pelo fato de que o religioso compreendia que “*o Reino de Deus passa também pela mediação político-partidária*”^{XXVII}.

O Pe. Ivan Teófilo atuou nos espaços públicos no estado de Pernambuco em defesa da justiça e contra as prisões políticas da Ditadura. Um exemplo disso, foi a Assembleia construída por diversos setores sociais, no dia 19 de maio de 1978, na sede do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, na cidade de Recife. A assembleia aconteceu em defesa do estudante Edival Nunes da Silva, conhecido por Cajá. O estudante foi preso pelo Delegado da Polícia Federal de Pernambuco (DPF/PE), no dia 12 de maio de 1978, enquadrado na Lei de Segurança Nacional. A Assembleia do dia 19, contou com a participação de 800 pessoas, sendo essas:

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

[...] Deputado Estadual ROBERTO JOÃO PEREIRA FREIRE (MDB/PE); Arcebispo de OLINDA e RECIFE, Dom HELDER CAMARA. Bispo Auxiliar da Arquidiocese da PARAÍBA, Dom MARCELO FINTO CARVALEIRA; Advogado GUARDO CHAVES PANDOLFFI; Membros da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de OLINDA e RECIFE; Padres Salesianos JOSÉ IVAN PIMENTA TEÓFILO e MÁRIO MOTTA^{xxviii}. (Grifo nosso).

De igual modo, o pároco usou da sua voz para denunciar, no chão das terras equatoriais, a sua experiência de perseguição política no Brasil. Moura, que viajou junto com Teófilo para o Equador, relatou:

Eu conheci Ivan mais de perto quando eu fiz uma viagem para o Equador com ele. E ali, por exemplo, houve um momento naquela reunião em que todos os países da América Latina, ou melhor, quase todos, viviam tempos de ditadura. E aí, houve um momento em que os organizadores daquele congresso pediram que os padres, que sofreram perseguição por conta da ditadura em seus países, pudessem contar essas experiências. E aí, Ivan teve a oportunidade de falar daquilo que ele sofria como um pastor, como um pastoralista, no Colégio Salesiano de Recife^{xxix}.

Além desses dois exemplos citados, o Padre Ivan Teófilo participou de encontros vocacionais que possuíam um tom político, de missas pela justiça, de ato público promovido pelo movimento “O povo na Constituinte”, dentre outros. E foi assim que Teófilo mostrou que as ações teológicas não estavam dissociadas de uma luta baseada, conforme o seu poema, em “*cuspir nos ódios, pulverizar as guerras, queimar as armas, escancarar as prisões*”^{xxx}.

Legado de Ivan Teófilo e um chamado a historicização

Narrar a vida do Pe. Ivan Teófilo situada em seu contexto político e social significa, em larga medida, romper com um modelo de História que enquadra os sujeitos e instituições em estruturas rígidas e opostas de opressores e oprimidos. Por esta via, evidencia-se que, mesmo em cenários de forte bipolarização, existem projetos em disputa no interior de instituições conservadoras, bem como, vozes que se levantam em tom de discordância a posições oficiais. Esse tópico é um chamado à historicização dessas vozes, um convite a inserir na historiografia “*vozes que denunciam a violência*”^{xxxi} e, assim, “*contribuem para a análise da permanência destas práticas em nossa sociedade*”^{xxxii}. O contexto de bipolarização mundial, que marcou o mundo do pós-Guerra até o colapso da URSS e derrubada do Muro de Berlim, influenciou de forma direta o contexto latino-americano e suas instituições.

Nesse cenário, a Igreja Católica e Congregações religiosas não destoam do momento político e passam, também elas, por disputas de projetos, os quais estarão presentes na formação e atuação religiosa, e política, dos seus membros. Particularmente importante para compreender o posicionamento de Ivan Teófilo e sua atuação, no contexto da Ditadura civil-militar brasileira, são os documentos resultantes da II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín, na Colômbia (1968), que tem por título “Pobreza da Igreja”, e da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, ocorrida onze anos depois (1979) em Puebla, no México. A importância dessa documentação para vivência de Ivan Teófilo é ressaltada pelo Pe. Raimundo Ricardo Sobrinho, que escreveu em sua carta

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

mortuária “*leu com lealdade e clareza as novas propostas da Igreja do Continente expressas em Medellín e Puebla e fez delas seu projeto de vida e missão*”^{XXXIII}.

O documento final da Conferência de Puebla reafirma, revisa e atualiza o documento lançado pela Conferência de Medellín, especialmente no que concerne a questão da pobreza e a formação das comunidades de base. Em síntese, não é um documento que lança projetos, antes disso, faz uma leitura do que é a pobreza e de quem é o pobre na “*América afro-índio-latina*”^{XXXIV}. Com um caráter não apenas religioso, mas também eminentemente político, como expressa os pontos 29 e 30 do documento:

29. Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção.

30. Ao analisar mais a fundo tal situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria. A situação interna de nossos países encontra, em muitos casos, sua origem e apoio em mecanismos que, por estarem impregnados não de autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres. Esta realidade exige, portanto, conversão pessoal e transformações profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social; tais mudanças ou não se deram ou têm sido demasiado lentas na experiência da AL.^{XXXV}

Percebe-se na leitura do documento o tom político que é dado as desigualdades socioeconômicas da América Latina, tratando como uma “situação interna” estrutural dos nossos países, isto é, uma escolha das elites dirigentes. Os pontos seguintes do documento (31 a 39) caracterizam “*as feições dos pobres da América Latina*”: crianças atingidas pela pobreza, jovens desorientados pela falta de oportunidade de capacitação e de ocupação, indígenas e afro-americanos “*que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres*”^{XXXVI}, camponeses sem terra, operários mal remunerados, situações de subdesempregos e desempregados, marginalizados e amontoados nos centros urbanos.

A influência do documento de Puebla na atuação do Padre Ivan Teófilo pode ser percebida na memória dos seus “próximos”, bem como, nas palavras do próprio Teófilo, escrita em forma de poema-oração, *a oração da caminhada*:

[...] Venho ver tua face / na face dos operários / que rompem com o silêncio / e dão mais um grito / contra o salário mínimo / que cria a fome / e faz crescer a mortalidade infantil. / Venho ver teu gesto / no gesto dos moradores / que se reúnem e começam a ser fermento / na luta das áreas do despejo, / do campo e da cidade. / Venho beber coragem na coragem dos que estão sendo perseguidos por causa da justiça...^{XXXVII}

A análise da influência desse documento na vida de Teófilo e da Igreja do Nordeste, no entanto, vai além do significado religioso e de um discurso que denuncia as desigualdades sociais. O documento resultante de Puebla denunciou também a violência perpetrada pelas ditaduras militares na América Latina, como se pode observar nos pontos 42 a 44 do documento:

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

42. Somam-se a isto as angústias produzidas pelo abuso do poder, típicas dos regimes de força. Angústias causadas pela repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exageradas, de torturas, de exílios. Angústias em numerosas famílias pelo desaparecimento de seus entes queridos, dos quais não conseguem ter a menor notícia. Insegurança total por detenções sem ordem judicial. Angústias ante uma justiça - submissa ou manietada. A Igreja, como afirmam os Sumos Pontífices, “por força de um autêntico compromisso evangélico”, deve fazer ouvir a sua voz, denunciando e condenando estas situações, sobretudo quando os governos ou responsáveis se confessam cristãos.

43. Angústias provocadas pela violência da guerrilha, do terrorismo e dos seqüestros, efetuados por extremistas de sinais diversos, que comprometem igualmente o convívio social.

44. Em muitos de nossos países, a falta de respeito à dignidade do homem se exprime também na ausência de participação social nos vários níveis. Referimo-nos de modo particular à sindicalização. A legislação trabalhista, em muitos lugares, aplica-se arbitrariamente ou não é levada em consideração. Sobretudo nos países onde há regimes de força, vê-se com maus olhos a organização de operários, camponeses e grupos populares e adotam-se medidas repressivas para impedi-la. Este tipo de controle e limitação não acontece com os sindicatos patronais, que podem agir com todo o seu poder para assegurar os próprios interesses.^{XXXVIII}

A contestação ao documento de Puebla pela Ditadura civil-militar brasileira é notória no caso do Pe. José Reginaldo Veloso de Araújo, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, por compor um hino em defesa ao famoso caso do Pe. Vito Miracapillo, banido do Brasil em 1980 por se negar a celebrar uma missa, a pedido do prefeito de Ribeirão – diocese de Palmares, Zona da Mata Sul do estado de Pernambuco, em homenagem ao 7 de setembro. O Pe. Vito Miracapillo argumentou que não reconhecia a independência de um povo sem direitos protegidos. O hino composto pelo Pe. Reginaldo Veloso dizia: *“Onze juízes, um tribunal, onze, o Supremo coito venal, onze, a vergonha nacional, pisam o Direito, celebram o mal”*.

O *Diário de Pernambuco*, na edição do dia 09 de abril de 1981, em reportagem intitulada *“Testemunhas depõem hoje contra o padre Veloso”*, cita um documento do Comitê de Solidariedade ao Padre Reginaldo Veloso e a causa de seu enquadramento na Lei de Segurança Nacional:

“de acordo com o “Boletim Informativo” do Comitê, o crime que o padre Reginaldo cometeu não foi a composição do hino em homenagem a Vito Miracapillo, mas o de “ter permanecido fiel à Igreja que em Medellín e Puebla, decidiu ficar preferencialmente ao lado dos operários, camponeses e do povo sem chão e sem pão”. O Hino é ofensivo ao STF, na estrofe em que o sacerdote chama aquela corte judiciária de “Supremo coito venal”.^{XXXIX}

No dia 08 de março de 1981 foi realizada, no Morro da Conceição – Recife/PE, uma missa denominada “Missa pela vitória da Justiça em homenagem ao Pe. Reginaldo Veloso”, conforme se observa no documento do Serviço Nacional de Informações (SNI), a missa contou com um público amplo, dentre ele, o Pe. Ivan Teófilo:

“TREMULANDO NA PONTA DO NOSSO PRESENTE”: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO
PADRE IVAN TEÓFILO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Imagem 2: Missa pela vitória da Justiça em homenagem ao Pe. Reginaldo Veloso, 1981.

2. A missa, que contou com uma assistência de, aproximadamente, ' três mil pessoas, foi concelebrada por D. HÉLDER PESSOA CÂMARA, Ar cebispo de OLINDA e RECIFE, D. TIAGO POSTMAN, Bispo de GARANHUNS/' PE, e pelos padres JOSÉ REGINALDO VELOSO DE ARAÚJO, JOÃO HUMBERTO' PLUMMEN, Vigário da Paróquia do Alto de SANTA ISABEL, CASA AMARE-' LA - RECIFE/PE, JOSÉ IVAN PIMENTA TEÓFILO, do COLÉGIO SALESIANO DO RECIFE, e GERALDO LEITE, de ESCADA/PE, entre outros.

Fonte: SNI. Arquivo Nacional.

O documento de Puebla aparece como um dos pontos centrais na missa, tendo sido distribuídos, como mostra a mesma documentação, “*cerca de dois mil panfletos de contrapropaganda, intitulados ‘Puebla’ e ‘Vitória’*”, por agentes do Regime Militar. O cartaz distribuído na cerimônia se coloca contra o engajamento político e social da Igreja, ressaltando que sua atuação deve ser “*apenas espiritual*”, indica a luta da “Igreja marxista” contra o regime e critica a vertente da teologia da libertação.

“TREMULANDO NA PONTA DO NOSSO PRESENTE”: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO PADRE IVAN TEÓFILO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Imagem 3: Panfleto de contrapropaganda distribuído por agentes do Regime Militar na missa em homenagem ao Pe. Reginaldo Veloso, 1981.



Fonte: SNI. Arquivo Nacional.

Fica evidente, a partir do panfleto, a interpretação do Regime Militar ao documento resultante de Puebla e sua adesão e operacionalização pelos religiosos. Dentro do contexto político específico, o apelo do cartaz à memória de João Goulart e a designação de “Igreja marxista” denota o binarismo próprio do período entre esquerda *versus* direita, assim como, a construção do “comunista” como inimigo da nação. Ademais do contexto histórico, a atuação do Pe. Ivan Teófilo baseado nos documentos da Conferência de Medellín e Puebla revela qual o projeto religioso, com também, o projeto político e social, posto em prática por ele.

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Foi no desenrolar desse contexto histórico que buscamos perceber a atuação do Pe. Ivan Teófilo, por esta via, os projetos desenvolvidos por Teófilo, na “*Congregação Salesiana, na Igreja do Brasil ou nos Caetés*”, não podem ser desprendidos do seu cenário social e de sua visão de vida religiosa. Faz-se necessário ressaltar, ainda, que o cenário de bipolarização mundial influenciou também a Congregação Salesiana, na qual Ivan Teófilo atuou por 32 anos, é, nesse sentido, que indicamos o Pe. Teófilo como uma voz dissonante em um cenário de arbitrariedade política, nas palavras do Pe. Luiz Moura:

Propriamente na Inspetoria Salesiana do Nordeste era assim, a Inspetoria era dividida do ponto de vista ideológico. Existiam os religiosos, vamos dizer assim, carismáticos, eu digo carismáticos, assim, que tinha um carisma próprio, que exigia uma vida religiosa no meio do povo, tipo comunidades inseridas. E existia os religiosos que entendiam que a vida religiosa devia ser vivida nos colégios, nos grandes colégios. Então, assim, você tinha duas linhas: a linha dos religiosos que trabalhavam nos colégios e a linha dos religiosos que trabalhavam nas periferias, nas comunidades, inseridos no meio do povo. O Ivan era a linha de frente desse grupo carismático, voltado para a realidade popular e para a libertação, era assim. [...]. Mas, assim, aqui nessa Inspetoria, porque eu sou dessa época, havia uma tensão muito grande entre aqueles que trabalhavam nas comunidades e aqueles que trabalhavam nos colégios.^{XL}

De 1970 a 1983 o Padre Ivan Teófilo desenvolveu atividade sacerdotal no Colégio Salesiano Sagrado Coração – Recife/PE e, a partir de 1974, passou a desempenhar o papel de animador da Pastoral Juvenil, difundindo com isso o seu trabalho para toda a Inspetoria do Nordeste. Nesse sentido, estava inserido no lugar de disputa de projetos entre “*aqueles que trabalhavam nas comunidades e aqueles que trabalhavam nos colégios*”. Ivan Teófilo ocupava um lugar de destaque, falando a um grande público, como ressaltado pelo Pe. José Pereira de Lima Filho:

Apesar de tudo isso, Ivan trabalhava no maior colégio da inspetoria, que era Recife. Veja que contradição. As pessoas o viam de forma como se fosse, não vamos dizer inimigo, mas que ele não se encaixava bem ali, numa realidade. Mas trabalhou muitos anos no maior colégio. [...] Tanto que à noite tinha um curso gratuito, uma escola que ele fundou, chamada Lourenço Giordano, para os jovens operários que trabalhavam durante o dia e não tinham escola à noite. [...] E Ivan era o diretor da Escola Dom Giordano à noite, e de dia cuidava da pastoral, dou por vista como ele era um calo no sapato de quem não o aceitava.^{XLI}

Um dos projetos mais importantes, e lembrados nos documentos e conversas que buscam construir uma memória sobre o Pe. Ivan Teófilo, é o “Balaio”, a sala da Pastoral do Colégio Salesiano do Recife. A presença do Balaio no Salesiano, narrada pela memória do Prof. Luiz Moura, evidencia o que foi colocado pelo Pe. José Pereira sobre “*Ivan não se encaixar bem naquela realidade*”, ao afirmar que “não era de maneira nenhuma pela direção do Colégio Salesiano.”^{XLII}

O “não tem” expresso na fala de Moura demonstra a necessidade de se historiar um projeto que, como ressaltado pelo Pe. Raimundo Ricardo Sobrinho, na carta mortuária de Ivan Teófilo, “*passaram jovens que hoje são vultos de destaque no cenário da cultura e da política*”^{XLIII}, nesse sentido, buscar à “memória dos próximos” é um caminho possível para entender como se desenvolveu o “Balaio” em seu contexto político específico e porque, à época, não era aceito pela direção do Colégio Salesiano.

A partir de 1984, até a sua morte, em 1990, o Pe. Ivan Teófilo, juntamente com o, também salesiano, Pe. João Carlos Ribeiro e, o então diácono, João Norberto Pinto,

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

desenvolveram o projeto Caetés, que “*representa na Inspetoria do Nordeste Salesiano, a primeira experiência de Pequena Comunidade de Inserção, oficialmente assumida, no carisma de Dom Bosco*”^{XLIV}. O projeto desenvolvido em Caetés, localizado no município de Abreu e Lima, também demonstra a adesão do Pe. Ivan Teófilo ao documento de Puebla, que no seu ponto 1147 ressalta um compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres.^{XLV}

Caetés foi um projeto desenvolvido com 5.600 famílias de operários e solidificou a memória do Pe. Ivan Teófilo na região como “*o poeta da esperança*”, para o Pe. Ricardo Sobrinho, “*hoje é uma história pra ser contada de pai pra filho*”^{XLVI}, para nós, é mais um dos projetos desenvolvidos pelo Pe. Ivan Teófilo que precisam ser historicizados e, assim, contados à luz do seu contexto histórico.

O termo “*esperança*” é recorrente nas referências feitas ao Pe. Ivan Teófilo, seja como “*o poeta da esperança*” ou como “*o portador de uma esperança sem fim*”. O processo de escrita da História compreende, conforme ensinou Michel de Certeau^{XLVII}, um lugar social, uma prática institucional e a escrita propriamente dita. Não podemos deixar de ressaltar o contexto de escrita deste texto: um momento político e social marcado pela pandemia de covid-19 e pelo negacionismo do Chefe do Executivo no Brasil, Jair Messias Bolsonaro, à letalidade do vírus.

Por esse lugar de esperança, no cenário em que esse texto foi escrito, corroboramos a fala do Prof. Luiz Moura ao afirmar que:

Ivan é uma pessoa que alimentava a esperança, tinha a esperança como esse motorzinho que empurra a gente pra frente. Esperança que dá sonhos, que cria sonhos e que vale a pena. Para usar a expressão de Paulo Freire quando diz: “a esperança do verbo esperar, e não esperar”. Seria muito importante que a gente tivesse essa virtude dentro da gente, essa virtude que Ivan teve, essa virtude que empurra a gente pra frente. Não a esperança que faz a gente esperar.^{XLVIII}

Buscamos nesse artigo historicizar o contexto em que se desenvolveu a atuação do Pe. Ivan Teófilo, como ressaltamos no início do texto, o nosso objetivo é mais tirar do esquecimento historiográfico vozes que denunciaram a violência e a arbitrariedade da Ditadura civil-militar brasileira, do que esgotar a análise dos projetos desenvolvidos por Teófilo.

Na coleta de entrevistas para construção desse artigo perguntamos “*e como o pensamento de Ivan Teófilo foi recebido dentro da Igreja, da Congregação Salesiana no período?*”, antes que a resposta fosse paulatinamente construída, a fala do Pe. José Pereira nos chamou atenção: “*tu gosta de assanhar, né, mulher?*”^{XLIX}, rimos. Esboçamos então, agora, a resposta a partir de Drummond de Andrade, que ao escrever “*o historiador*” define: “*é importuno, sabe-se importuno e insiste, rancoroso, fiel*”^L. É a característica mestra do ofício do historiador e, em especial, da História do Tempo Presente, assanhar os acontecimentos narrados como organizados, conferindo-lhes a complexidade e ambiguidade que é própria de uma História que se queira “*desnaturalizante*”.

^{II} Professora substituta na Universidade Estadual da Paraíba, em Teoria da História. Doutoranda pelo PPGH - UFRPE, sob orientação da Prof. Dr. Giselda Brito e do Prof. Dr. Karl Schurster. Vinculada ao grupo de pesquisa

“TREMULANDO NA PONTA DO NOSSO PRESENTE”: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO
PADRE IVAN TEÓFILO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

História do Tempo Presente. Desenvolve pesquisas sobre Ensino de História de Eventos Traumáticos, a partir da Shoah. E-mail: a.alanamoraes@gmail.com.

^{II} Mestranda pelo PPGH - UFRPE. Pesquisadora pelo Laboratório de Estudos da História das Religiões (LEHR). Desenvolve pesquisas sobre a "justiça de transição" da Ditadura brasileira, com ênfase nos debates de memória. A pesquisa é realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil CAPES. E-mail: karllafelixupe@gmail.com.

^{III} SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. **Carta Mortuária: Padre José Ivan Pimenta Teófilo**. Recife: Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil, 24 de julho de 1990. P. 2.

^{IV} Atualmente professor da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e da Faculdade Frassinetti do Recife.

^V MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

^{VI} MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

^{VII} GRUMBRECHT, Hans Ulrich. Nosso amplo presente: e a cultura contemporânea. Tradução: Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp. 2015. p. 12. Apud: BRITO, Thiago Vieira de. Temporalidades distópicas ou distopias temporais? Um problema para os historiadores. In: BENTIVOGLIO, Júlio; CUNHA, M. D. R. da; BRITO, Thiago Vieira. [orgs]. **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editora Milfontes, 2017. S/p.

^{VIII} Ibidem, p. 15.

^{IX} MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

^X ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História**. Bauru, Edusc, 2007. S/p.

^{XI} SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

^{XII} Cf. STARLING, Heloísa. **Órgãos de Informação e repressão da Ditadura**. Brasil Doc: Arquivo Digital. Disponível em: <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

^{XIII} SCHURSTER, Karl. LEITE, Alana de Moraes. História da historiografia do Tempo Presente: questões e debates. In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. (org.). **Tempo Presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2019. P. 70.

^{XIV} MULLER, Angélica; IEGELSKI, Francine. O Brasil e o tempo presente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 13.

^{XV} Ibidem, p. 21.

^{XVI} SCHURSTER, Karl. Verbete: História do Tempo Presente (HTP). In: SILVA, Francisco C. Teixeira da; Et. al. (org.). **Enciclopédia de guerras e revoluções – vol III: 1945-2014: A época da Guerra Fria (1945-1991) e a nova ordem mundial**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. Pág. 303.

^{XVII} SCHURSTER, Karl. LEITE, Alana de Moraes. Op. Cit., p. 77.

^{XVIII} ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Violência, Trauma e Testemunho: desafios para uma historiografia Latino-Americana. In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. (org.). **Tempo Presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2019. P. 103.

^{XIX} GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014. P. 20.

^{XX} COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 335-336.

^{XXI} GOMES, Paulo César. Op. Cit., p. 15

^{XXII} Ibidem, p. 38.

^{XXIII} Ibidem, p. 38.

^{XXIV} MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

^{XXV} GOMES, Paulo César. Op. Cit., p. 8.

^{XXVI} MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

“TREMULANDO NA PONTA DO NOSSO PRESENTE”: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO
PADRE IVAN TEÓFILO NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

-
- xxvii SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. Op. Cit., p. 5.
- xxviii Movimentações contra a prisão de Edival Nunes da Silva, 1978. Fundo SNI. Arquivo Nacional.
- xxix MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- xxx Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil. Coleção Vida Salesiana. **Padre Ivan Teófilo – O Poeta da Libertação**. Coord. Pe. José Pereira de Lima Filho; Luiz Moura. Recife, 2018. P. 22.
- xxxi ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Op. Cit., p. 122.
- xxxii Ibidem, p. 118.
- xxxiii SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. Op. Cit., p. 12.
- xxxiv Ibidem, p. 6.
- xxxv Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Puebla**. Edições Paulinas: Puebla de los Angeles, México, 27/jan a 12/fev de 1979. Pontos 29 e 30. P. 69.
- xxxvi Ibidem, ponto 34. P. 70.
- xxxvii SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. Op. Cit., p. 26.
- xxxviii Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Puebla**. Edições Paulinas: Puebla de los Angeles, México, 27/jan a 12/fev de 1979. Pontos 42 e 44. P. 70-71.
- xxxix Reportagem sobre *as Testemunhas depõem hoje contra o padre Veloso*. Diário de Pernambuco, 1981. Fundo SNI. Arquivo Nacional.
- xl MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- xli LIMA FILHO, José Pereira de. **Memórias sobre Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- xlvi MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- xliii SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. Op. Cit., p. 4.
- xliv Ibidem, p. 19.
- xlvi Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Puebla**. Edições Paulinas: Puebla de los Angeles, México, 27/jan a 12/fev de 1979. Pontos 1147. P. 259.
- xlvi SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. Op. Cit., p. 17.
- xlvi CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982. P. 56 – 108.
- xlvi MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- xlvi LIMA FILHO, José Pereira de. **Memórias sobre Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.
- l ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. O historiador. In: **A paixão medida**. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 28.

Fontes

Conclusões da IIIª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Puebla**. Edições Paulinas: Puebla de los Angeles, México, 27/jan a 12/fev de 1979.

Engajamento no trabalho do campo operário, S/d. Fundo SNI. Arquivo Nacional.

LIMA FILHO, José Pereira de. **Memórias sobre Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

Missa pela vitória da Justiça em homenagem ao Pe. Reginaldo Veloso, 1981. Fundo SNI. Arquivo Nacional.

MOURA, Luiz Gomes de. **Vivências com Ivan Teófilo**. 20 jan. 2021. [Entrevista cedida a] Alana de Moraes Leite; Karlla Karina Pereira Félix.

LEITE, A. M. FÉLIX, K. K. P.

Panfleto de contrapropaganda distribuído por agentes do Regime Militar na missa em homenagem ao Pe. Reginaldo Veloso, 1981. Fundo SNI. Arquivo Nacional.

Reportagem sobre as Testemunhas depõem hoje contra o padre Veloso. Diário de Pernambuco, 1981. Fundo SNI. Arquivo Nacional.

SOBRINHO, Pe. Raimundo Ricardo. **Carta Mortuária: Padre José Ivan Pimenta Teófilo**. Recife: Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil, 24 de julho de 1990.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da História**. Bauru, Edusc, 2007.

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Violência, Trauma e Testemunho: desafios para uma historiografia Latino-Americana. In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. (org.). **Tempo Presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2019.

BRITO, Thiago Vieira de. Temporalidades distópicas ou distopias temporais? Um problema para os historiadores. In: BENTIVOGLIO, Júlio; CUNHA, M. D. R. da; BRITO, Thiago Vieira. [orgs]. **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editora Milfontes, 2017.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Record: Rio de Janeiro, 1979.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GRUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: e a cultura contemporânea**. Tradução: Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp. 2015.

Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil. Coleção Vida Salesiana. **Padre Ivan Teófilo – O Poeta da Libertação**. Coor. Pe. José Pereira de Lima Filho; Luiz Moura. Recife, 2018

MULLER, Angélica; IEGELSKI, Francine. O Brasil e o tempo presente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano (vol.5). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985-2016)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHURSTER, Karl. LEITE, Alana de Moraes. História da historiografia do Tempo Presente: questões e debates. In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael. (org.).

Tempo Presente: uma história em debate. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2019.

SCHURSTER, Karl. Verbete: História do Tempo Presente (HTP). In: SILVA, Francisco C. Teixeira da; Et. al. (org.). **Enciclopédia de guerras e revoluções – vol III: 1945-2014: A época da Guerra Fria (1945-1991) e a nova ordem mundial.** 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

STARLING, Heloísa. **Órgãos de Informação e repressão da Ditadura.** Brasil Doc: Arquivo Digital. Disponível em: <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>. Acesso em: 24 de abril de 2021.